

DOM LUCIANO PEDRO MENDES DE ALMEIDA SJ

☆ 05/10/1930 + 27/08/2006

Aos 27 de agosto de 2006 faleceu em São Paulo, com 75 anos de idade, Dom Luciano Pedro Mendes de Almeida, da Companhia de Jesus, arcebispo de Mariana (MG), uma das figuras de maior destaque da Igreja do Brasil nos últimos tempos.

A sua relação com “Síntese – Revista de Filosofia” não foi particularmente significativa. Só um artigo seu foi publicado, no vol. II, nº 4, julho/setembro de 1975, 111-118, da Nova Fase do periódico. O texto, aliás, de acordo com o perfil pluridisciplinar da revista na época, não reveste um caráter propriamente filosófico, pois apresenta, na sua gênese, nos seus resultados e no seu significado “A Congregação Geral 32ª da Companhia de Jesus”, da qual participou como um dos delegados do Brasil.

Profundos são, ao invés, os laços que o ligam, como estudante, professor e doutor *honoris causa*, à Faculdade de Filosofia da Companhia de Jesus, hoje Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, que edita com exclusividade a revista “Síntese” desde 1992. Inteligência privilegiada, dotada de notável capacidade de penetração da realidade, servida por uma memória invejável, e de vigoroso poder de síntese, aliado a uma expressão extremamente clara, precisa e articulada do pensamento, foi aluno brilhante desta instituição de 1951 a 1953, em Nova Friburgo (RJ). Daí ter sido designado para realizar em Ato público solene, algo fora do comum, o exame “*De Universa Philosophiae*”, que coroava então o triênio filosófico de uma Faculdade Eclesiástica, com a colação do grau de licenciado em filosofia em nome da Santa Sé.

Concluído o curso teológico em 1959 na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, o futuro bispo da Igreja Católica enceta em fins de 1960 o programa de doutorado em filosofia na mesma Universidade, conjugando

esta tarefa com a de orientador dos estudos de filosofia dos seminaristas do Pontifício Colégio Pio Brasileiro. O risco de um prolongamento demasiado do doutorado, resultante das múltiplas ocupações que vai assumindo em seu zelo pastoral de sacerdote, leva os seus Superiores jesuítas a enclausurá-lo durante cerca de um ano em Chantilly, perto de Paris, onde funcionava então a Faculdade de Filosofia dos jesuítas franceses, para dedicar-se à redação de sua tese. Ele a defenderá no início de 1965 sob o título “*A imperfeição intelectual do espírito humano: introdução à teoria tomista do conhecimento do outro*”.¹ Seu orientador foi o P. Joseph de Finance, pensador vigoroso, profundo conhecedor da obra de Tomás de Aquino, do qual reconhece ter recebido “inspiração, guia e incentivo” (ob. cit.15). Na dedicatória escrita de próprio punho, ao oferecer um exemplar da publicação ao P. Henrique de Lima Vaz, que o tivera como aluno em um ou outro curso, bem no início de seu magistério em Nova Friburgo, designa-o como aquele “que me ensinou a ler Santo Tomás”. Todavia, a figura mais marcante em seu itinerário intelectual, cujas intuições se refletem claramente na elaboração de sua tese, foi sem dúvida o jesuíta canadense Bernard Lonergan, seu professor de teologia na Universidade Gregoriana, um dos teólogos católicos mais eminentes da segunda metade do século XX. Lonergan notabilizou-se justamente pela força e abrangência da reflexão filosófica, demonstrada, em particular, em sua obra magistral “*Insight, a study of human understanding*”.

Como nota F. Sparta na recensão que faz da tese, “chegar ao outro, ao conhecimento concreto do *outro*, é o alvo da pesquisa de Mendes de Almeida”.² Com efeito, a questão que o preocupa, propriamente, motivado sem dúvida por íntimas vivências pessoais, e, para cuja solução toma como fio condutor a obra de Tomás de Aquino, é a da comunicação intersubjetiva. Não eram muitos na época os estudos sobre este aspecto do pensamento tomasiano, o que obriga o jovem doutorando a uma exploração direta dos textos do Aquinate. Por fidelidade a esses textos, que analisa de maneira exaustiva e penetrante, levando em conta a evolução do pensamento do mestre, ele acaba, entretanto, por deter-se na problemática do conhecimento intelectual do singular intramundano, em geral, objeto de repetidas abordagens do autor da *Summa Theologiae*. Reconhecendo aristotelicamente o caráter abstrativo, não intuitivo, da inteligência humana, Tomás defende a tese de um conhecimento intelectual apenas indireto do ente corpóreo na sua singularidade. Para seu intérprete, o reconhecimento desta limitação, longe de constituir uma solução minimalista, é a única maneira de respeitar a verdadeira estrutura do espírito humano, que na sua união substancial com o corpo, é incapaz de uma operação intelectual sem o concurso

¹ A tese foi publicada, aparentemente com a omissão de vários textos comprobatórios de S. Tomás, apenas em 1977, numa edição particular da Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira, de São Paulo.

² Síntese – Nova Fase, vol. 5, nº 14, set./dez. 1978, 167-168.

sensível. Esta mesma dependência se estende, de diversos modos, ao conhecimento que o intelecto tem de si mesmo e de outros entes espirituais, como Deus. As conclusões pessoais, a que chega o autor, caracterizando a imperfeição intelectual do espírito humano a partir da necessidade de um conhecimento apenas indireto do singular corpóreo, apesar de seu valor intrínseco, constituem somente uma introdução ao problema que se propunha pesquisar, ou seja, “o conhecimento que cada homem tem de seu semelhante” (ob. cit. 118) e, mais especificamente: “Como apreendemos o ‘tu’ na sua individualidade inalienável?” (ib.) Embora devendo renunciar a levar adiante a sua investigação, Mendes de Almeida, nesta página final do trabalho, não só constata que “os espíritos encarnados podem se comunicar entre si abrindo aos outros toda a riqueza da própria interioridade” (ib.), mas também indica o caminho para explicar este fato indiscutível na linha do pensamento tomasiano. Trata-se de complementar a posição do mestre a respeito do conhecimento do singular em geral com uma “teoria de comunicação dos espíritos ínfimos por meio de sinais”, nele inspirada, na qual “ainda é necessária a cooperação dos sentidos já que estes sinais serão corpóreos” (ib.).

A elaboração e defesa da tese, aprovada com louvor, comprova o potencial filosófico do autor, seu *pathos* pela verdade e sua capacidade de investigar com método seguro e revelador um pensamento complexo, como o de Tomás de Aquino. No entanto, as esperanças de vê-lo prosseguir na inquisição sistemática de temas filosóficos, especialmente do problema tão candente da comunicação interpessoal, cedo se frustraram. Absorvido pelos encargos de professor, num momento de carência de quadros docentes na Faculdade em que se graduara, já reconhecida civilmente como Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira, e por mil outras incumbências dentro e fora da esfera acadêmica, teve de renunciar, no início com certo pesar, às perspectivas promissoras de um trabalho de investigação e publicação no campo da filosofia. Nem por isso deixou de distinguir-se no magistério filosófico exercido durante dez anos, de 1965 a 1974, primeiro em Nova Friburgo e logo em São Paulo, para onde se transferiu a Faculdade, nas cadeiras de Introdução à Filosofia, História da Filosofia Antiga e Medieval e, sobretudo, de Antropologia Filosófica, além de outras eventuais. Seus ex-alunos testemunham unanimemente da largueza dos horizontes abertos por suas preleções, de suas qualidades pedagógicas e didáticas, da clareza e vivacidade de suas exposições, de seu condão de traduzir através de gráficos, desenhos e exemplos, numa linguagem acessível as intuições mais profundas acerca da estrutura da realidade humana. É também neste período, como chefe do Departamento de Filosofia e em função de seu carisma pessoal, o verdadeiro responsável pelos destinos da instituição e orientador da sua vida acadêmica. Importa ainda não esquecer, nesses anos repressivos do regime militar, sua atuação firme em defesa dos direitos humanos, seja no apoio a professores e alunos obrigados a mergulhar na clandestinidade, seja nas intervenções junto ao DOI-CODI para protegê-los.

A partir de 1972, entretanto, novos encargos de âmbito nacional, recebidos dos Superiores da Companhia de Jesus, que comportavam freqüentes viagens e múltiplos atendimentos, começam a afastá-lo também das atividades docentes. Mesmo assim, com incrível pertinácia, a custo de pesados sacrifícios, consegue chegar a tempo a suas aulas de Antropologia Filosófica, brindando os alunos não só com as luzes de sua inteligência, mas também com a riqueza de seu testemunho de vida. Desde 1975, porém, desliga-se definitivamente da Faculdade, transferida então para o Rio de Janeiro. Já em 1976 é nomeado bispo auxiliar do Cardeal Paulo Evaristo Arns, em São Paulo, ampliando paulatinamente o influxo de seu magistério e de suas iniciativas a toda a Igreja e sociedade brasileiras. Com efeito, como Secretário Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), por oito anos, de 1980 a 1987, e por outros oito, como Presidente da entidade, 1988-1995, torna-se o líder incontestado da Igreja, consciência ética da nação, por meio da lucidez e coragem de seus pronunciamentos, entrevistas e colunas semanais na “Folha de São Paulo”, e interlocutor respeitado das autoridades públicas, inclusive dos Presidentes da República, na defesa da liberdade, da justiça, dos valores da vida e do espírito, dos autênticos interesses, em suma, não tanto da própria Igreja, como do povo, especialmente dos mais pobres.

Esta irradiação de sua personalidade estendeu-se espontaneamente, malgrado a sua extrema modéstia e aversão a qualquer exibicionismo ou promoção pessoal, para além das fronteiras do país, primeiro na América Latina, com sua eleição para Vice-Presidente do CELAM, órgão de cúpula do episcopado católico latino-americano, no período de 1995 a 1998, e mais ainda com sua atuação decisiva nas Conferências Gerais do mesmo episcopado em Puebla (1979) e em Santo Domingo (1992). Aliando a busca da unidade e comunhão, como objetivo fundamental, à clareza dos princípios e convicções e à perspicácia na análise das situações, inspirado sempre pela caridade, sabia conduzir os debates a um fim feliz, com admirável tato e respeito por cada um, o que aconteceu notadamente, diante de impasses aparentemente insolúveis, por sua simples autoridade pessoal, nas mencionadas assembléias episcopais. É o serviço da Igreja e da humanidade que abre sempre novos horizontes à sua atuação multiforme. Eleito membro da delegação brasileira a todos os Sínodos do Episcopado em Roma, desde que foi feito bispo, tornou-se conhecido também na Europa, especialmente na Itália, onde suscitou todo um movimento de solidariedade para com os pobres e de colaboração com suas obras sociais na região episcopal de Belém em São Paulo. Por caminhos imprevisíveis é conduzido até o Líbano, dilacerado então pela Guerra Civil, onde impressiona os representantes de todas as correntes políticas e religiosas pelo vigor de sua fé, a pureza de suas intenções, a qualidade de sua escuta e a sensatez de suas observações. Merece ser citado aqui, um fato, muito significativo e pouco conhecido, ocorrido mais de quinze anos depois, já em 2006. Seu irmão, o Prof. Cândido Mendes de Almeida, ao comparecer à Conferência

para o Diálogo Inter-Cultural, promovida pela UNESCO no Azerbaijão, encontra-se com o Príncipe Hassan da Jordânia. Este, tendo identificado pelo nome de família no participante da Conferência um parente de Dom Luciano, trouxe expressamente de seu país um frasco com água do rio Jordão, como símbolo da harmonia entre as religiões abraâmicas, especialmente o Cristianismo e o Islã, solicitando ao Prof. Cândido que o entregasse a seu irmão bispo, como preito de gratidão pela marca indelével que deixara no coração de seus interlocutores muçulmanos na sua curta missão em Beirute.

Não cabe traçar nestas páginas, ainda que brevemente, o histórico de suas realizações e o retrato de sua personalidade, o que, aliás, muitos já fizeram com emoção e competência, especialmente por ocasião de sua morte. Dois rasgos comuns, santo e sábio, caracterizam a imagem grandiosa e de singular beleza, que se configura nestes depoimentos. O que nos interessa nesta homenagem, que “Síntese – revista de Filosofia” presta à sua memória, é mostrar que a sabedoria, dom do alto, alimentada por um amor sem limites, que o orientou nos caminhos da vida, que o levou a encarar toda a realidade e cada acontecimento numa perspectiva transcendente, que lhe propiciou oferecer pistas luminosas para a solução, tanto das graves questões com que se depara a Igreja no mundo de hoje, quanto dos problemas pessoais dos mais pequeninos de seus irmãos, esta sabedoria superior foi instrumentada e potenciada por sua formação filosófica. Embora distante dos afazeres do filósofo profissional, ele permaneceu até o fim um amador da sabedoria, inclinado a questionar radicalmente as opiniões de todo-mundo, a partir da experiência das dimensões fundantes da existência humana, capaz de pensar a fundo cada problema, traquejado na conceituação rigorosa dos fenômenos, municiado de um sólido arcabouço categorial que lhe permitia analisar, situar e articular os vários aspectos da realidade, lúcido no discernimento dos valores e contra-valores que se entrecruzam em nosso horizonte cultural. Por certo, esta bagagem filosófica, apoiada nos seus dotes de comunicador, do professor, que nunca deixou também de ser, tem uma parte de responsabilidade na força do ensinamento da verdade, da justiça e do amor, que logrou difundir com sua palavra e seus escritos. Valeria a pena examinar, por exemplo, sob este prisma da fundamentação filosófica, os artigos semanais que publicou ao longo de 22 anos na “Folha de São Paulo”.

É verdade que, transfigurado pela força interior da caridade, que o impulsiona a fazer-se tudo para todos, absorvido pelas exigências imperiosas de uma missão universal na abrangência tanto dos destinatários, quanto das dimensões da realidade que engloba, Dom Luciano, nos últimos anos de sua vida, já não consegue interessar-se, nem de longe, pelo acompanhamento da problemática filosófica, circunscrever-se, mesmo que eventualmente, à particularidade de uma reflexão metodologicamente rigorosa sobre tais questões. Que isso não significasse qualquer menosprezo pelo estudo científico e sistemático da filosofia, prova-o, entre outras coisas, a sua preocupação constante, como Arcebispo de Mariana, de incentivar os sacerdo-

tes de sua arquidiocese a cursar o mestrado e o doutorado em boas Universidades, especialmente em Roma. Trata-se antes de uma sublimação do saber filosófico, integrado numa sabedoria superior, a sabedoria da cruz, do amor que se entrega até o fim, que vê e vive o sentido último, para além das mediações do mero discurso. É o que exprimiu com rara felicidade o professor desta casa, P. João Batista Libanio SJ, na solenidade em que lhe foi conferido pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia o título de *Doctor honoris causa* em Teologia, menos de quatro meses antes de sua morte. “Cabe-lhe melhor – dizia – o [título] de *Magister amoris causa*. Mestre por causa do amor e serviço.” Muito mais do que uma doutrina, que se impõe pelo poder e prestígio do discurso, a lição magistral que nos lega, com a autoridade de quem sabe esquecer-se de si para ajudar o outro a ser mais, é a transparência da verdade suprema nos gestos de amor e serviço que deram sentido à sua vida.

Talvez não seja descabido, para concluir, traçar um paralelo com o que conta de Tomás de Aquino o seu primeiro biógrafo, Guilherme de Tocco. Cerca de três meses antes de sua morte, aos 49 anos, depois de uma celebração da Eucaristia, Tomás interrompe bruscamente seus estudos e ao espanto de seu secretário, Frei Reginaldo, responde com estas palavras: “Não posso mais. Tudo o que escrevi parece palha diante do que vi.”³ Em obra recente Jean-Pierre Torrell OP explica que não se trata de uma renegação por parte do teólogo e filósofo de toda a sua obra: “‘Palha’ é o termo consagrado [segundo a interpretação da época] para distinguir, conferindo a cada coisa os respectivos pesos, a essência da realidade do envoltório das palavras; as palavras não são a realidade, mas a designam e conduzem a ela. Como alcançara a realidade, Tomás tinha algum direito a se sentir distante das palavras, o que não significa, de modo algum, que considerasse sua obra destituída de valor. Ele simplesmente atingira o outro lado.”⁴

Também Luciano Pedro Mendes de Almeida, na última fase de sua vida, já não consegue deter-se no discurso filosófico, porque, sábio e santo, não só contempla, mas vive a realidade que a filosofia busca compreender e exprimir, transfigurado pelo Espírito de Amor.

João A. Mac Dowell SJ
Editor

³ Torrell, Jean-Pierre, OP: *Iniciação a Santo Tomás de Aquino. Sua pessoa e obra*. São Paulo: Loyola, 1999, 339 [Initiation à Saint Thomas d’Aquin. Sa personne et son oeuvre. Fribourg/Paris: Ed. Universitaires/ Ed. du Cerf, 1993].

⁴ Id. 343.